

INDX registra fraco desempenho e cresce apenas 0,57% em outubro

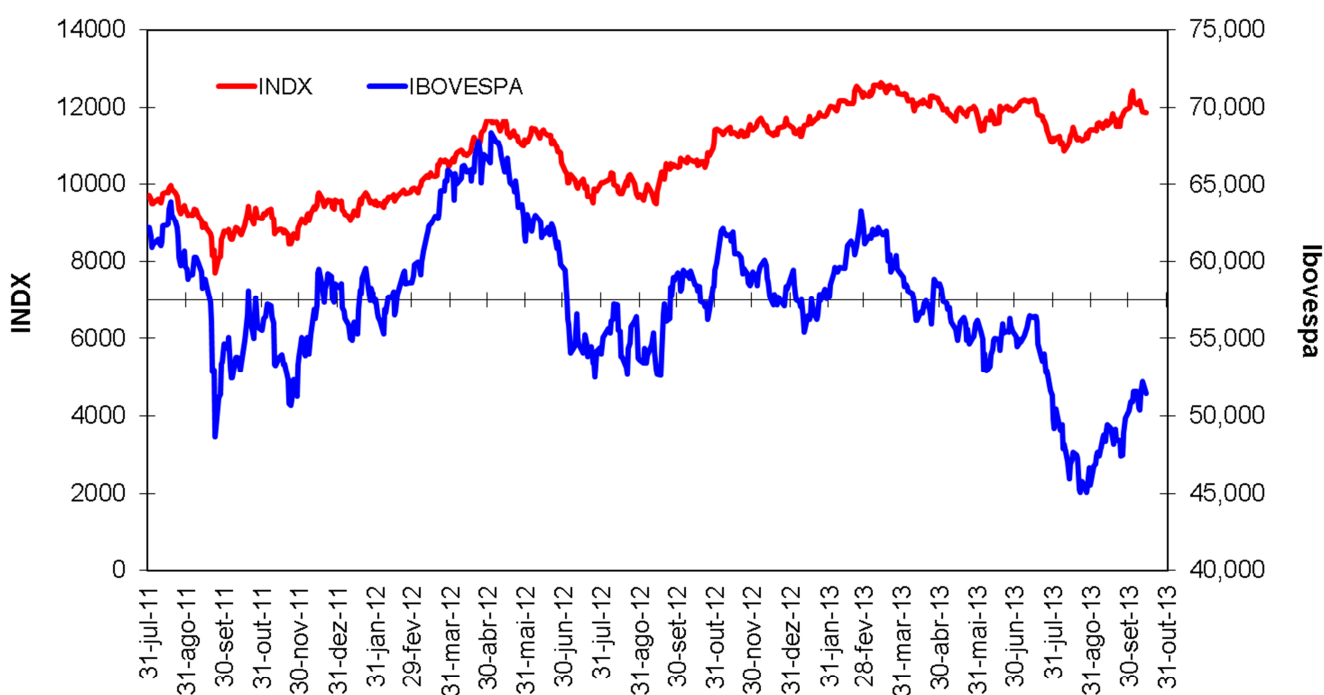
Dados de Outubro/13

Número 79 – São Paulo

O Índice do Setor Industrial (INDX), composto pelas ações mais representativas do segmento, encerrou o mês de outubro de 2013 com alta de 0,57% em relação ao mês imediatamente anterior, atingindo 12.428 pontos. Para efeito de comparação, o Índice IBrX-50, composto pelas 50 ações mais negociadas na Bovespa, fechou o mês em 9.231 pontos, apontando avanço mensal de 6,16%, ao passo que o Ibovespa terminou outubro com 54.256 pontos, aumento de 3,66% em relação a setembro.

O volume movimentado pelas ações do INDX totalizou R\$ 30,9 bilhões no mês de outubro, contra R\$ 32,3 bilhões no mês imediatamente anterior. Este volume representou 20,3% do montante negociado na Bovespa no décimo mês do ano.

Índices de Ações (Outubro/2013)



Fonte: BOVESPA. Elaboração: FIESP

Evolução dos Fechamentos - Outubro			
	INDX	IBrX 50	Ibovespa
No mês (T/T-1)	0.57%	6.16%	3.66%
No ano	2.31%	1.48%	-10.99%
Em um ano (T/T-12)	9.95%	8.00%	-4.93%

Fonte: Bovespa. Elaboração: Fiesp.

No mercado financeiro internacional, as bolsas estrangeiras registraram desempenho positivo em outubro. Os resultados deste mês comparado ao mês imediatamente anterior foram: Merval – Argentina (8,0%), DAX - Alemanha (5,1%), S&P500 – EUA (4,5%), FTSE100 – UK (4,2%), Nasdaq – EUA (3,9%), CAC 40 – França (3,8%), Dow Jones – EUA (2,8%) e Nikkei – Japão (-0,9%).

Na análise do INDX de outubro, considerando os preços dos ativos até o dia 31, as ações que apresentaram as maiores variações positivas foram: 1) LUPA3 (238,1%): do setor de Máquinas e Equipamentos; 2) INEP4 (99,0%): setor de Máquinas e Equipamentos; e 3) BISA3 (60,6%): setor de Construção e Engenharia.

Por outro lado, as maiores variações negativas no mês foram registradas pelas ações das empresas: 1) NATU3 (-1,8%): setor de Produto de Uso pessoal e Limpeza; 2) RAPT4 (-1,0%): setor de Material de Transporte; e 3) MRFG3 (-0,7%): setor de Alimentos Processados.

Principais notícias divulgadas em Outubro:

Produção industrial fica estável em agosto

A produção industrial registrou estabilidade (0,0%) em agosto frente ao mês imediatamente anterior, quando mostrou recuo de 2,4% (revisão da queda de 2,0% divulgada anteriormente), já descontadas as influências sazonais. Os dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM-PF) foram divulgados hoje (02/10) pelo IBGE.

Na comparação interanual, o resultado de agosto de 2013 interrompeu uma trajetória de quatro meses de variações positivas, ao evidenciar queda de 1,2% frente a igual mês de 2012. No acumulado de janeiro a agosto, o setor industrial exhibe ganho de 1,6%, resultado abaixo do apresentado junho e julho (2,0%). Para o acumulado em 12 meses, por sua vez, a indústria nacional mostrou expansão de 0,7%, o melhor resultado desde outubro de 2011, quando a elevação foi de 1,4%.

A leitura de agosto mostrou predomínio de resultados positivos, já que 15 dos 27 ramos pesquisados mostraram avanço na margem. Os principais destaques foram alimentos (2,5%) e veículos automotores (1,7%), que atenuaram os recuos evidenciados no mês anterior (-1,3% e -7,6%, respectivamente). Além destes, máquinas e equipamentos (1,2%), vestuário e acessórios (7,2%), edição, impressão e reprodução de gravações (2,1%), metalurgia básica (1,0%) e mobiliário (1,0%) também registraram elevação em suas produções no mês de agosto. Por outro lado, dentre as atividades que contribuíram negativamente, vale destacar a indústria farmacêutica, que recuou 5,6% em agosto, acumulando, portanto, perda de 18,8% nos dois últimos meses. Ademais, também vale citar as quedas observadas nas atividades de bebidas (-3,1%), outros equipamentos de transporte (-3,7%), perfumaria, sabões, detergentes e produtos de limpeza (-5,1%) e fumo (-7,7%).

Três das quatro categorias de uso mostraram aumento da produção em agosto, sendo estas: bens de consumo duráveis (0,2%), bens intermediários (0,6%) e bens de capital (2,6%), cujo crescimento foi insuficiente para anular a forte queda do mês anterior (-4,7%). Por outro lado, a categoria de bens de consumo semi e não duráveis registrou o segundo resultado negativo consecutivo, ao recuar 0,3% em agosto, acumulando perda de 2,1% nos dois últimos meses.

Na base interanual, a produção industrial declinou 1,2% em agosto, com predomínio de resultados negativos tanto nas categorias de uso como nas atividades analisadas, com ressalva para o menor número de dias úteis em agosto de 2013 (22 contra 23). A retração foi bastante disseminada nas atividades industriais, ao atingir 18 dos 27 ramos. A indústria farmacêutica, que exibiu queda de 22,0%, exerceu a maior influência negativa para o resultado global nesta base de comparação, devido à redução da produção de aproximadamente 65% dos seus produtos. Além desta, as atividades de fumo (-30,3%), máquinas para

escritório e equipamentos de informática (-8,8%), bebidas (-6,6%), edição, impressão e reprodução de gravações (-6,5%), perfumaria, sabões, detergentes e produtos de limpeza (-6,2%), outros produtos químicos (-2,1%), indústrias extrativas (-2,0%) e alimentos (-1,8%) também evidenciaram quedas relevantes no período. Em sentido contrário, as atividades de máquinas e equipamentos (9,3%) e refino de petróleo e produção de álcool (7,4%) tiveram forte avanço em agosto de 2013.

Na mesma métrica de comparação interanual, três das quatro categorias de uso mostraram variações negativas na última leitura. A categoria de bens de consumo duráveis (-6,3%) registrou a queda de maior magnitude desde maio de 2012, tendo em vista os efeitos da gradual retomada do IPI da linha branca. As categorias de bens intermediários (-2,0%) e bens de consumo semi e não duráveis (-1,6%) também recuaram em agosto, enquanto a categoria de bens de capital (11,8%) marcou o oitavo resultado positivo consecutivo.

Em suma, a estabilidade da produção física em agosto reforça o quadro de enfraquecimento da atividade industrial no terceiro trimestre, haja vista a forte retração observada em julho. Além dos níveis deprimidos da confiança do empresariado, há indícios de estoques elevados na indústria, o que deve contribuir para a continuidade do cenário de baixo dinamismo do setor nos próximos meses.

IPCA avança 0,35% em setembro, e acumula alta de 5,86% em 12 meses

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (IPCA) registrou alta de 0,35% em setembro ante o mês imediatamente anterior, quando o índice variou 0,24%. O acumulado em 12 meses ficou em 5,86% em setembro, desacelerando frente a agosto (6,09%).

Dentre os nove grupos pesquisados, cinco apresentaram aceleração em setembro, com destaque para Habitação e Transportes. A taxa do primeiro saltou de 0,57% para 0,62%, influenciada principalmente pelo aumento dos itens gás de botijão (de 0,28% para 2,01%), aluguel residencial (de 0,74% para 0,80%) e artigos de limpeza (de 0,35% para 0,71%). Já a inflação do segundo grupo passou de -0,06% em agosto para 0,44% em setembro, puxada pelas passagens aéreas, cujo avanço de 16,09% na última leitura deveu-se, em grande medida, ao repasse de custos maiores gerados pela desvalorização cambial.

O grupo Saúde e Cuidados Pessoais registrou ligeira aceleração de 0,45% para 0,46%, enquanto que a taxa de Artigos de Vestuário ascendeu de 0,08% para 0,63%, como reflexo do início da coleção primavera-verão; as roupas femininas (de -0,37% para 1,43%) e os calçados (de -0,11% para 0,58%) exerceram os principais impactos altistas sobre o grupo.

Dentro do grupo Alimentação e Bebidas, cuja variação passou de 0,01% para 0,14% entre agosto e setembro, destaca-se o impacto positivo de produtos derivados do trigo, dado o alto nível de importação deste bem agrícola e a desvalorização cambial. O pão-francês, por exemplo, mostrou alta de 3,37% em setembro, enquanto a farinha-de-trigo e o pão doce avançaram 2,61% e 2,15%, em termos respectivos.

Por outro lado, os grupos Artigos de Residência (de 0,89% para 0,65%), Despesas Pessoais (de 0,39% para 0,20%), Comunicação (de 0,02% para 0,04%) e Educação (de 0,67% para 0,12%) desaceleraram entre agosto e setembro.

Dentre as 11 localidades pesquisadas, Brasília mostrou a maior taxa de variação (0,70%), influenciada pelo item passagens aéreas, com peso de 2,11% e elevação de 17,68%. De forma contrária, Salvador (0,03%) apresentou o menor aumento, com destaque à influência baixista exercida pelos alimentos consumidos no domicílio (-1,17%). Por sua vez, a inflação em São Paulo acelerou de 0,26% em agosto para 0,36% em setembro, taxa ligeiramente acima daquela referente ao índice nacional.

Produção industrial do Reino Unido recua 1,1% em agosto

Na manhã de hoje (09/10), o órgão ONS (Office For National Statistics) divulgou os dados da produção industrial do Reino Unido referente a agosto. De acordo com a leitura, após a alta de 0,1% em julho, a produção da região recuou 1,1% em agosto, com queda em todos os seus quatro setores, em especial na indústria de transformação (-1,2%), após elevação nos dois meses precedentes. A indústria de energia sofreu contração de 1,9%, seguida pela indústria extrativa (-0,6%) e por SIUP (-0,6%). Os dados já estão sazonalmente ajustados.

Os ramos que mais contribuíram para a queda da produção entre julho e agosto foram: fabricação de produtos farmacêuticos (-0,54%), fabricação de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-0,34%) e produtos alimentícios, bebidas e tabaco (-0,29%). Por outro lado, a atividade de produtos metálicos (0,33%) evidenciou o maior crescimento na margem.

Na comparação interanual, a produção da indústria britânica recuou 1,5% em agosto de 2013. Dentre os setores, a maior queda ocorreu na indústria extrativa (-10,1%), que contribuiu com 1,2 p.p. na variação do indicador geral.

Emprego industrial registra queda em agosto

A Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (PIMES), divulgada ontem (10/10) pelo IBGE, mostrou resultado negativo tanto na variável de pessoal ocupado (-1,3%) quanto em horas pagas (-1,4%), na comparação de agosto de 2013 com igual mês de 2012.

O emprego na indústria de transformação sofreu redução de 0,6% em agosto ante julho, na série dessazonalizada. Com isso, os primeiros oito meses do ano acumulam queda de 0,9%, frente ao mesmo período do ano passado. Em relação a agosto de 2012, o emprego industrial apresentou queda de 1,3%, o vigésimo terceiro resultado negativo consecutivo nesta comparação. A última leitura evidenciou variações negativas em 12 dos 17 setores, com destaque para: produtos de metal (-4,6%); máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-4,3%); calçados e couro (-4,7%); máquinas e equipamentos (-2,9%); produtos têxteis (-4,4%), outros produtos da indústria de transformação (-3,6%); madeira (-5,7%); refino de petróleo e produção de álcool (-5,1%) e minerais não metálicos (-2,1%).

No que se refere ao total de horas pagas, houve queda marginal em 1,3% na indústria de transformação em agosto, já considerados os ajustes sazonais. Entretanto, os primeiros oito meses de 2013 acumularam um aumento de 2,2% em relação a igual período do ano passado.

No estado de São Paulo, em agosto, a indústria de transformação apresentou queda de 0,9% no número de pessoas ocupadas, enquanto que o total de horas pagas recuou 1,0%, sendo ambos os resultados na base de comparação interanual.

Zona do Euro: indústria avança 1,0% em agosto e compensa queda de julho

A produção industrial da Zona do Euro avançou 1,0% em agosto ante o mês imediatamente anterior, quando exibiu retração de 1,0%, já expurgados os efeitos sazonais. O crescimento veio acima do projetado pelo mercado (0,8%) e assinalou a maior taxa de variação em dois anos. Na base interanual, o volume de produção sofreu contração de 2,1% em agosto. Os dados foram divulgados hoje (14/10) pela Eurostat.

A expansão industrial na passagem de julho para agosto foi puxada pelo aumento na produção de bens de capital, cujo avanço de 2,4% no período compensou a queda de 1,8% na leitura precedente. Os volumes produzidos de bens de consumo duráveis e de bens de consumo não duráveis registraram elevações de 0,8% e 0,5%, em termos respectivos.

Entre os países-membros, Portugal registrou a maior expansão (8,2%), seguido por Malta (7,2%) e República Tcheca (4,7%). A Alemanha revelou crescimento de 1,8%, enquanto que a indústria da França

cresceu apenas 0,2%. A Estônia apresentou a menor taxa de variação (-3,5%), seguida por Chipre (-2,0%) e Irlanda (-0,8%).

Inflação da China é a maior dos últimos sete meses

Na noite de ontem (13/10) o NBS (National Bureau of Statistics of China) divulgou os dados de inflação ao consumidor (CPI) para o mês de setembro. Segundo a instituição, o CPI da China subiu 3,1% em relação ao mesmo período do ano anterior, sendo este o maior resultado dos últimos sete meses. Os preços subiram 3,0% nas áreas urbanas, e 3,3% nas zonas rurais, com base na mesma métrica.

Na comparação com agosto, o índice mostrou ganho de 0,8% no nível de preços, com destaque para os produtos alimentícios, que apresentaram aumento de 1,5% na passagem de agosto para setembro, e de 6,1% em relação ao nono mês de 2012, como reflexo de feriados nacionais, que impulsionaram o consumo desses produtos no período, e também do período de chuvas e tufões, que culminaram em perdas na produção; a inflação de hortaliças e legumes ascendeu 18,9% na comparação interanual.

O índice do acumulado do ano apresenta alta de 2,5%, abaixo do teto da meta de inflação estipulada pelo governo chinês (3,5% em 2013).

Vendas do varejo crescem 0,9% em agosto

O volume de vendas do comércio varejista nacional cresceu 0,9% na passagem de julho para agosto, após ajuste sazonal, considerando o conceito restrito. Apesar de ter apresentado a sexta expansão consecutiva, o varejo desacelerou frente ao resultado de julho, cuja taxa de variação foi revisada de 1,9% para 2,1%. A média móvel trimestral ascendeu de 0,9% para 1,1%. Na comparação com igual mês do ano passado, o setor avançou 6,2% em agosto de 2013, após crescimento de 6,0% em julho. O comércio varejista acumula ganho de 3,8% neste ano, taxa bastante inferior à apresentada em idêntico período (janeiro a agosto) de 2012, de 8,9%. Por sua vez, no acumulado de 12 meses, o varejo restrito exhibe alta de 5,1%. Os dados foram divulgados na manhã de hoje (15/10) pelo IBGE.

As vendas do varejo ampliado, que inclui os segmentos de material de construção e veículos, motos, partes e peças, tiveram crescimento de 0,6% na comparação de agosto contra julho, já descontados os efeitos sazonais. Na comparação com agosto de 2012, entretanto, a última divulgação mostrou queda de 0,8%. A métrica do acumulado do ano evidencia expansão de 3,1%, ao passo que o acumulado de 12 meses (taxa anualizada) revela elevação de 4,4%.

A expansão do setor varejista ampliado foi bastante disseminada em agosto, pois, dentre as dez atividades pesquisadas, oito registraram expansão na margem: equipamentos e material para escritório, informática e comunicação (7,6%); Veículos, motos, partes e peças (2,6%); Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (1,1%); Livros, jornais, revistas e papelaria (0,9%); Móveis e eletrodomésticos (0,8%); Material de construção (0,8%); Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (0,6%); e Outros artigos de uso pessoal e doméstico (0,1%). Por outro lado, as atividades Combustíveis e lubrificantes (-0,7%) e Tecidos, vestuário e calçados (-1,0%) apresentaram contração.

No confronto com o mesmo mês de 2012, o aumento das vendas do varejo também foi espalhado, atingindo oito das dez atividades investigadas, com destaque para o segmento de Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, cuja variação de 5,6% representou a maior contribuição (45%) sobre a taxa global, bastante influenciado pelo arrefecimento da inflação de alimentos (especialmente de Alimentação no Domicílio).

O segmento de Móveis e eletrodomésticos avançou 7,9% em agosto, exercendo o segundo maior impacto sobre a taxa global. Vale destacar os incentivos ao consumo concedidos pelo governo federal, tais como o programa Minha Casa Melhor e a manutenção do IPI reduzido para produtos da linha branca (entre outros) até o final de outubro.

Por sua vez, as vendas do segmento de Veículos, motos, partes e peças mostraram alta de 0,6% na margem, mas retração de 12,6% na comparação com igual mês do ano anterior, tendo em vista o efeito base, uma vez que a isenção do IPI sobre os carros 1.0 e o corte do imposto pela metade nas demais cilindradas foram anunciadas em maio de 2012, e seus efeitos mais notáveis foram observados em junho, julho e agosto daquele ano – crescimento de 26,4% no último mês.

Em termos regionais, as vendas do varejo cresceram em vinte e quatro unidades da federação, na comparação de agosto de 2013 com igual mês do ano anterior. As maiores variações foram registradas na Paraíba (18,0%), em Alagoas (13,0%) e no Rio Grande do Norte (12,7%). No que diz respeito às principais contribuições para o resultado global, destaque para São Paulo (7,0%), Rio de Janeiro (7,2%), Paraná (9,1%), Rio Grande do Sul (4,5%) e Pernambuco (8,6%).

Confiança do empresário industrial volta a recuar em outubro, aponta CNI

A CNI (Confederação Nacional da Indústria) divulgou na última quarta-feira (16/10) os dados referentes ao Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI). De acordo com o boletim, o índice encerrou a trajetória ascendente iniciada em julho, ao passar de 54,2 pontos em setembro para 53,8 pontos na última análise, registrando queda de 0,7% na margem. Apesar do resultado, o índice conseguiu se sustentar acima dos

50,0 pontos, linha que define o cenário de expansão ou retração. O resultado de outubro deste ano não superou o evidenciado no mesmo mês do ano passado, quando o índice registrou 56,2 pontos.

O resultado foi puxado tanto pelo índice que mede as expectativas para os próximos seis meses, que recuou ao patamar de 58,0 pontos (ante 58,2 pontos na leitura anterior), quanto pelo indicador que mensura a sensação do empresário em relação às condições atuais, que passou de 46,2 para 45,4 pontos, ficando pelo décimo mês abaixo da linha de expansão. As condições atuais refletiram a forte queda na confiança dos empresários de grande porte (-1,5 ponto), ao passo que nas expectativas para o futuro, os de pequeno porte (-0,7 ponto) registraram a maior retração de outubro.

Por fim, os dados para São Paulo também apresentaram piora, já que o ICEI-SP regressou à marca de 49,6 pontos em outubro, após ter registrado 51,1 pontos em setembro, cruzando novamente a linha dos 50,0 pontos - entrando em zona de pessimismo. Vale ressaltar que todos os dados divulgados não foram sazonalmente ajustados.

PIB do Reino Unido cresce 0,8% no terceiro trimestre

O Produto Interno Bruto do Reino Unido avançou 0,8% no terceiro trimestre de 2013, frente ao período imediatamente anterior, após ajuste sazonal, registrando a maior expansão desde o segundo trimestre de 2012, quando cresceu 1,0%. O PIB britânico teve elevação de 0,7% entre abril e junho deste ano. Os dados foram divulgados hoje (25/10) pelo Office for National Statistics (ONS).

No terceiro trimestre, o avanço foi generalizado nos quatro setores da economia, com destaque à Construção (2,5%). O PIB da Agricultura expandiu em 1,4%, desacelerando em relação ao trimestre imediatamente anterior, quando registrou aumento de 2,0%. O setor de Serviços (0,7%) revelou a mesma alta observada no último trimestre, ao passo que a Indústria teve crescimento de 0,5% na margem. Vale destacar que o setor de Serviços, que contribuiu com 0,57 p.p. do resultado geral do PIB, foi o único a superar pela primeira vez os patamares vistos no período pré-crise.

Na comparação com idêntico período do ano anterior, o PIB cresceu 1,5% de julho a setembro de 2013. Dentre os setores, o de Construção (-7,9%) apresentou o maior recuo no período, seguido por Agricultura (-3,5%) e Indústria (-2,5%). O setor de Serviços (1,2%) foi o único a avançar na métrica interanual, mas desacelerou em relação à leitura anterior (1,5%).

IGP-M desacelera em outubro

O Índice Geral de Preços – Mercado (IGP-M), divulgado nesta quarta-feira (30/10) pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostrou variação de 0,86% em outubro, resultado bastante inferior ao apresentado em setembro (1,50%), mas bem acima daquele observado em igual mês de 2012 (0,02%). No acumulado de 12 meses findo em outubro, o IGP-M mostra alta de 5,27%, frente a 4,40% na leitura anterior. O acumulado do ano, por sua vez, exhibe ganho de 4,58%. O resultado foi calculado com base nos preços coletados entre os dias 21 de setembro e 20 de outubro.

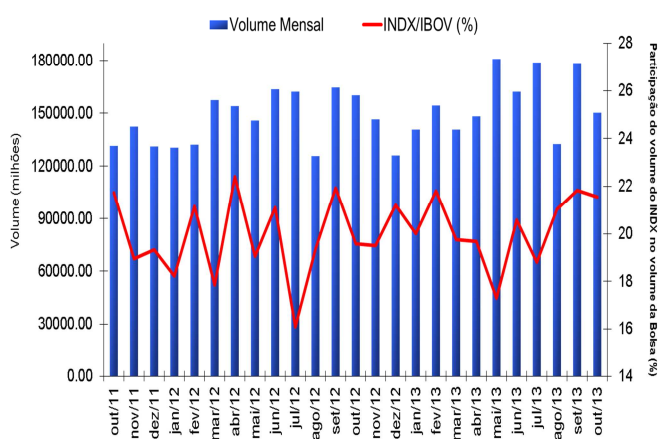
O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) – correspondente a 60% do IGP – evidenciou forte arrefecimento entre setembro e outubro, ao passar de 2,11% para 1,09%. Na abertura por estágios de processamento, as maiores contribuições para esta desaceleração vieram de Bens Intermediários (de 2,20% para 0,70%) e Matérias-Primas Brutas (de 4,21% para 1,95%), refletindo o menor aumento dos preços dos materiais e componentes para a manufatura e da soja, sendo que a última avançou apenas 0,60% em outubro, após alta de 10,78% em setembro. Já a categoria de Bens Finais registrou aceleração no período, ao saltar de 0,28% para 0,76%, captando o menor ritmo de queda dos preços de alimentos in natura. Em relação às origens, o IPA refletiu a desaceleração tanto no setor agropecuário (de 2,97% para 0,49%) quanto no setor industrial (de 1,79% para 1,32%).

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) – correspondente a 30% do IGP – variou 0,43% em outubro, após ter avançado 0,27% em setembro. A maior parte das classes de despesas evidenciou acréscimo na última leitura, sendo elas: Alimentação (de 0,14% para 0,63%), Habitação (de 0,44% para 0,51%), Vestuário (de 0,55% para 0,80%), Saúde e Cuidados Pessoais (de 0,43% para 0,46%), Educação, Leitura e Recreação (de 0,24% para 0,51%) e Comunicação (de 0,09% para 0,40%). Por outro lado, os grupos Transporte (de 0,09% para -0,12%) e Despesas Diversas (de 0,22% para 0,15%) registraram decréscimos no mês de outubro.

Por fim, o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) – correspondente a 10% do IGP – teve elevação de 0,33% em outubro, desacelerando em relação ao mês anterior, quando havia registrado alta de 0,43%. O resultado foi ditado pelo menor aumento dos preços de Materiais e Equipamentos de Serviços (de 0,91% para 0,68%), tendo em vista que a outra categoria (Custo de Mão de Obra) ficou estável pelo segundo mês consecutivo.

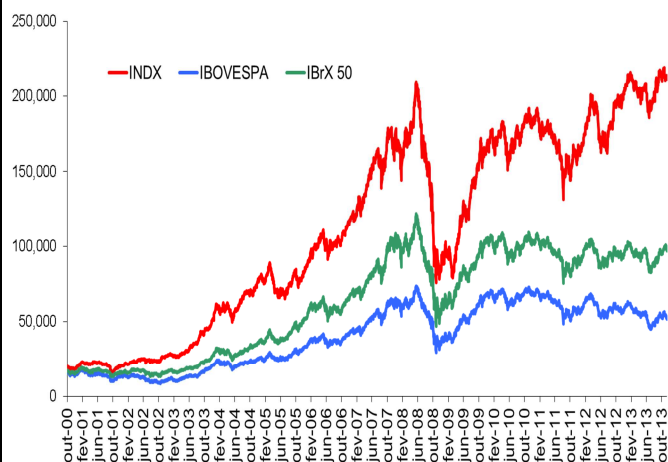
Anexo: Gráficos e tabelas complementares

Volume Mensal de Negociações (Outubro/11 a Outubro/13)



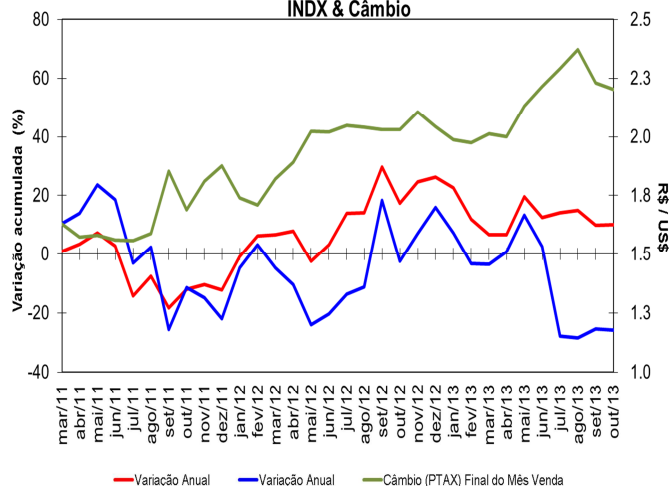
Fonte: BOVESPA. Elaboração: FIESP

Índices de Ações (Outubro/00 a Outubro/13)



Fonte: BOVESPA. Elaboração: FIESP

INDX & Câmbio



Fonte: BOVESPA. Elaboração: FIESP

Índices de Ações INDX/IBRX-50 (Maio/11 - Outubro/13)



Fonte: BOVESPA. Elaboração: FIESP

INDX – ANÁLISE MENSAL

CORRELAÇÃO	INDX	IBOVESPA	IBRX 50
INDX	1.00		
IBOVESPA	0.88	1.00	
IBRX 50	0.32	0.32	1.00

BETA	INDX C/ IBOV	0.73
	INDX C/ IBRX50	0.10
	IBRX 50 C/IBOV	0.88

VOLATILIDADE	INDX	24.85
	IBOVESPA	29.84
	IBRX 50	81.44

(período 30/12/1999 - 12/11/2013)

As informações contidas neste documento são publicadas apenas para auxiliar os usuários, podem não ser adequadas aos objetivos de investimentos específicos, situação financeira ou necessidades individuais dos receptores e não devem ser considerados em substituição a um julgamento próprio e independente do investidor. Por ter sido baseado em informações tidas como confiáveis e de boa fé, não há nenhuma garantia de serem precisas, completas, imparciais ou corretas. As opiniões, projeções, suposições, estimativas, avaliações e eventuais preço(s) alvo(s) contidos no presente material referem-se a data indicada e estão sujeitos a alterações a qualquer tempo sem aviso prévio. Este documento não é, e não deve ser interpretado como, uma oferta de venda ou solicitação de uma oferta de compra de qualquer título ou valor mobiliário. Nem a FIESP e nem qualquer sociedade por ela controlada ou a ela coligada podem estar sujeitas a qualquer dano direto, indireto, especial, secundário, significativo, punitivo ou exemplar, incluindo prejuízos provenientes de qualquer maneira, da informação contida neste material. Este material é para uso exclusivo de seus receptores e seu conteúdo não pode ser reproduzido, redistribuído publicado ou copiado de qualquer forma, integral ou parcialmente, sem a expressa autorização prévia da FIESP.